

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 1 2020

ARTIGO

## VARIABILIDADE ESTRATIGRÁFICA E ESPACIAL DOS CONTEXTOS CERÂMICOS NO SÍTIO TEOTÔNIO

Thiago Kater\*, Fernando Ozorio de Almeida\*\*, Guilherme Zdonek Mongeló\*\*\*, Jennifer Watling\*\*\*\*, Eduardo Goés Neves\*\*\*\*\*

### RESUMO

Na arqueologia Amazônica são comuns sítios abrangendo vários hectares com sobreposição de camadas formadas por depósitos profundos e estratificados, com consequentes perturbações de depósitos mais antigos por ocupações posteriores. Tais características impõem dificuldades de interpretação dos registros. O objetivo deste artigo é realizar uma primeira tentativa de interpretar o significado da estratigrafia do sítio Teotônio, localizado às margens da cachoeira homônima, no alto rio Madeira, que tem uma cronologia de ocupação que chega há 9.000 anos antes do presente (AP). Nossa pesquisa se restringe às ocupações de grupos ceramistas que se estendeu desde cerca de 3.000 anos AP até o período colonial. Delineou-se a dispersão do material cerâmico assim como uma área específica que concentra quase todos os conjuntos.

**Palavras-chave:** Arqueologia Espacial; Análise Intra-Sítio, Cerâmica Arqueológica da Amazônia.

\* Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [kater@usp.br](mailto:kater@usp.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4687-2210>.

\*\* Laboratório de Paisagem e Sociedade, Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe/ Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [fernandozorio@hotmail.com](mailto:fernandozorio@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9061-0026>.

\*\*\* Escuela Superior Politecnica del Litoral, Guayaquil-Ecuador/ Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [mongelo@espol.edu.ec](mailto:mongelo@espol.edu.ec).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2841-0007>.

\*\*\*\* Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [jenny.g.watling@gmail.com](mailto:jenny.g.watling@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7897-5105>.

\*\*\*\*\* Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [edgneves@usp.br](mailto:edgneves@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2830-2735>.

## STRATIGRAPHIC AND SPATIAL VARIABILITY OF THE CERAMIC CONTEXTS OF THE TEOTÔNIO SITE

---

### ABSTRACT

Intra-site spatiality is a complex issues debated within Amazonian archaeology. The superposition of occupations within sites with extensive chronologies of human occupations can also create significant difficulties in the interpretation of the archaeological record. This article offer an attempt to spatially comprehend an area with these characteristics. It focuses on the Teotônio site, located on the adjacent river bluff of the homonymous waterfall on the Madeira River, which has a chronology that extends until 9000 years before present. Our research is restricted to the occupations by ceramics producers that extended from 3000 years BP until colonial times. Besides delineating the form of occupations, we identified a predilection of these different groups for a specific area of the site.

**Keywords:** Spatial Archaeology; Intra-Site Analysis; Amazonian Archaeological Ceramics.

## VARIABILIDAD ESTRATIGRÁFICA Y ESPACIAL DE LOS CONTEXTOS CERÁMICOS DEL SITIO TEOTÔNIO

---

### RESUMEN

En la arqueología amazónica son comunes sitios abarcando varias hectáreas con superposición de capas formadas por depósitos profundos y estratificados, con consecuentes perturbaciones de depósitos más antiguos por ocupaciones más recientes. Tales características imponen dificultades de interpretación de los registros. Este artículo intenta interpretar el significado de la estratigrafía del sitio Teotônio, ubicado a las márgenes de la cascada homónima, en el alto río Madeira, que tiene una cronología de ocupación que llega hace 9.000 años antes del presente. Nuestra investigación se restringe a las ocupaciones de grupos ceramistas, un mosaico cultural que se extiende de 3000 años AP hasta el período colonial. Además de delinear la forma, se identificó una predilección de estos diferentes grupos por un área específica.

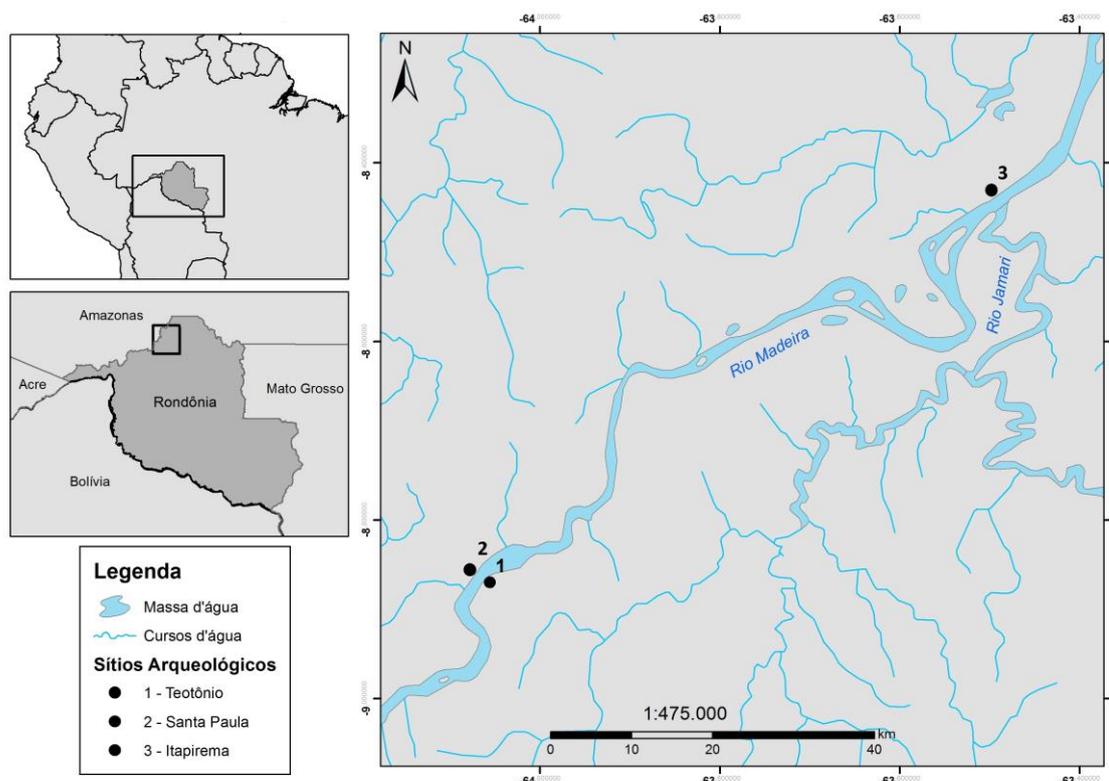
**Palabras clave:** Arqueología Espacial; Análisis Intra-Sitio, Cerámica Arqueológica de la Amazonía.

## INTRODUÇÃO

Ao longo de milhares de anos as margens da cachoeira do Teotônio, no alto rio Madeira, viram diferentes populações indígenas ocuparem e transformarem seus espaços. Esses coletivos deixaram vestígios materiais – ferramentas líticas, vasos cerâmicos, carvões, restos de comida etc – que permitem inferir questões relacionadas à identidade, economia e uso do espaço. Neste artigo, então, dedicamos nossa atenção para as formas com que os grupos indígenas produtores de cerâmica produziram depósitos arqueológicos com diferentes características durante os milênios de ocupação do sítio homônimo, localizado na margem direita da cachoeira.

O sítio Teotônio foi identificado por Eurico Miller no final dos anos 1970 (MILLER, 1992) (Figura 1). Por conta do licenciamento ambiental, correlacionado à construção da barragem da Usina Hidrelétrica (UHE) Santo Antônio, o local recebeu uma intervenção arqueológica pontual. Entretanto desde 2011 ele é pesquisado pelo Projeto Alto Madeira (PALMA), ligado ao Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (ARQUEOTROP) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Os anos de pesquisa permitiram apontá-lo como um dos sítios com a mais extensa sequência de ocupação nas terras baixas sul-americanas (NEVES, 2016). A estratigrafia é longa e complexa, composta por camadas associadas a materiais líticos sem cerâmicas, em latossolos e terras pretas de índio (TPI), além de outras camadas associadas a depósitos cerâmicos e terra preta. A compreensão da totalidade da estratigrafia requer, portanto, reunir informações de diferentes partes do sítio já que não se identificou a sequência completa de ocupações em um só local.

**Figura 1** - Localização do sítio Teotônio, Santa Paula e Itapirema dentro da Bacia hidrográfica do alto rio Madeira. Autoria: Bruno Barreto/Thiago Kater.



Em termos espaciais a distribuição heterogênea dos depósitos pelo sítio significa que nem todas as ocupações ocorreram no mesmo lugar, ainda que as camadas com

cerâmicas possuam certa sobreposição. Finalmente, a atividade antrópica recente, como mineração ilegal de terras pretas, a agricultura mecanizada ou não, a construção de edificações distintas e a abertura de estradas vicinais, alterou sensivelmente e por vezes removeu camadas arqueológicas inteiras em determinadas áreas. É também plausível que a interferência sobre os vestígios materiais existentes no sítio não se restringiu às sociedades recentes e pode ter ocorrido ao longo do tempo. Não é raro na arqueologia amazônica encontrar conjuntos inteiros de material cerâmico concentrados em locais restritos, aparentemente redepositados por populações pretéritas que reocuparam os mesmos locais ainda antes do início da colonização europeia (e.g. LIMA, 2008; MORAES, 2010).

Uma maneira para contornar os problemas interpretativos causados pela sobreposição das ocupações do sítio Teotônio é estudar sítios unicomponenciais (i.e. sítios que possuem uma única camada de ocupação) e utilizar seus contextos deposicionais como parâmetros para o estudo de sítios multicomponenciais. Fontes interpretativas vêm também do exame de dados da etno-história e a etnografia da região do alto rio Madeira (MENÉNDEZ, 1981; NIMUENDAJÚ, 1987; ROQUETTE-PINTO, 1919), mesmo levando-se em consideração que a região possui uma imensa diversidade linguística (CREVELS & VAN DEN VOORT, 2008), como também arqueológica (ZUSE, 2014, 2016). No caso do alto rio Madeira, muitos dos elementos estilísticos dos sítios de entorno são identificados nas ocupações do sítio Teotônio, que pode ser visto como um microcosmo da arqueologia regional (ALMEIDA & KATER, 2017).

As primeiras ocupações no sítio Teotônio ocorreram no Holoceno Inicial, por volta de 9.000 anos antes do presente (AP) (WATLING *et al.*, 2018). Ao redor de 6.000 anos AP, ocorrem possíveis indícios de sedentarização, uma vez que é nesse período que surgem as primeiras terras pretas (MONGELÓ, 2015; WATLING *et al.*, 2018). Já as primeiras ocupações com cerâmicas surgem por volta de 3.250 anos antes do presente<sup>1</sup> e perduraram até pelo menos o início da era colonial (KATER, 2018). É desse período que trata este artigo.

## ECOLOGIA DOS ASSENTAMENTOS NA AMAZÔNIA

O entendimento do uso do espaço nos sítios arqueológicos amazônicos é complicado por causa das complexas histórias de suas ocupações e reocupações, com as consequentes perturbações resultantes. Ao contrário das terras altas sul-americanas, onde é frequente encontrar habitações construídas com material rochoso, nas terras baixas tropicais desaparecem quase completamente os diversos tipos de materiais orgânicos e tecnologias a eles associadas. Em sítios multicomponenciais, onde nem sempre é simples a identificação e interpretação de camadas arqueológicas, é difícil identificar a correlação entre tecnologias de manufatura cerâmica, implantação dos assentamentos, economias produtivas e a dispersão espacial dos distintos conjuntos tecnológicos.

Parte dos vestígios sobreviventes muitas vezes fornecem informações dúbias. Concentrações cerâmicas, por exemplo, podem indicar tanto locais de habitação como lixeiras. Os Shipibo-Conibo, no rio Ucayali, varrem seu material para o entorno das casas de maneira desordenada, centrípeta, mas com vários centros que interferem um no outro (DEBOER & LATHRAP, 1979), enquanto os Kuikuro o fazem de forma organizada, com um montículo atrás de cada casa (SCHMIDT, 2012). As áreas das casas são, desse modo, muitas vezes os locais com menor densidade de vestígios. Na Amazônia Central,

---

<sup>1</sup> Datações não calibradas.

Stampanoni (2016) inferiu a presença de grandes malocas no sítio Bom Socorro, habitado entre 500 e 300 anos AP, através da identificação de montículos interpretados como lixeiras depositadas em áreas circundantes às casas (STAMPANONI, 2016).

Por outro lado, existem casos bem documentados na Amazônia de áreas elevadas construídas com cerâmicas e solo, que serviam de aterros sobre os quais se erguiam as habitações. O exemplo clássico são os tesos da fase Marajoara, na foz do rio Amazonas (MEGGERS & EVANS 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2013). Na Amazônia Central, Moraes (MORAES, 2010; MORAES & NEVES, 2012) propôs que as populações produtoras de cerâmica Paredão construíam suas casas sobre montículos de cerâmica e terra preta de índio, dispostos de forma circular ao redor de praças centrais. Também com disposição circular são os montículos do sítio Sol de Campinas, localizado nas terras firmes acreanas (NEVES *et al.*, 2016). Nos *Llanos de Moxos*, esses montículos possuem sepultamentos (JAIMES-BETANCOURT, 2012; PRÜMERS, 2014). Já nas margens do rio Madeira, tais montículos, distribuídos ao redor de uma área central, foram observados no sítio Santa Paula, na margem oposta do sítio Teotônio (ZUSE, 2016: 395). No sítio Itapirema, localizado no encontro dos rios Madeira e Jamari, os montículos estavam dispostos de maneira aleatória, mas foi inferido que eles serviam de base para a construção das casas, elevadas de maneira a evitar o alagamento que ocorre nas partes mais baixas do sítio durante o período de chuva (ALMEIDA, 2017a).

A principal polêmica envolvendo o uso do espaço nos sítios advém do uso da área total de distribuição de vestígios como uma fonte para o estabelecimento de hipóteses sobre o tamanho das populações que os ocuparam. Autores como Myers (1973) e Hemming (2009) utilizaram dados etno-históricos ou arqueológicos sobre sítios com dezenas de hectares de terras pretas, para inferir grandes contingentes populacionais ao longo dos grandes rios amazônicos, enquanto autores como Meggers (1987, 1992a, 1992b) sugeriram que as grandes manchas de terras pretas eram fruto de inúmeras reocupações de áreas adjacentes por populações reduzidas. Dados obtidos de tradagens localizadas em pontos dispersos pela Amazônia foram utilizados por McMichael e colegas (2012), para sugerir uma baixa densidade populacional pré-colonial nessa região.

Recentemente estudos realizados no sítio Itapirema indicaram uma única ocupação pré-colonial, datada ao redor de 700 anos AP, com uma dispersão linear de materiais superior a um quilômetro, acompanhando a margem do rio (ALMEIDA, 2017a). O mesmo estudo também sugeriu que a média das áreas dos sítios de rios primários, como o Madeira, eram maiores do que a dos de rios secundários, no caso o seu afluente Jamari (média de 45 mil m<sup>2</sup> vs. 30 mil m<sup>2</sup>). Além disso, este rio secundário possuía media maior de reocupações que o Madeira (média de 1.3 ocupações por sítio vs. 1.13), ao mesmo tempo em que as espessuras dos depósitos são maiores no Madeira frente ao Jamari (média de 141cm vs. 72cm de espessura) (ALMEIDA, 2017a). Tais dados indicam uma tendência a ocupações mais longas nas margens dos rios principais (ALMEIDA, 2017a).

O sítio Teotônio, objeto deste artigo, tem sobreposição de ocupações em camadas de terra preta que atingem 4 metros de profundidade; depósitos que evidenciam uma série de diferentes grupos que ocuparam o sítio de maneira permanente ou temporária. Representam assim um lugar significativo e persistente (ZEDEÑO & BOWSER, 2009). A caracterização do sítio Teotônio como um desses lugares já foi sugerida por alguns autores (*e.g.* MONGELÓ, 2015; ZUSE, 2014) e sistematizada por Almeida e Kater (ALMEIDA & KATER, 2017).

Seja em rios primários, secundários ou em áreas de terra firme, há uma tendência atual das pesquisas em superar a improdutiva dicotomia várzea-terra firme (*e.g.* SCHAAN, 2013), para focar em lugares específicos que podem ser: cachoeiras, lagos, encontros de rios, ilhas fluviais ou marítimas, serras, abrigos, afloramentos rochosos e

áreas de transição entre ambientes. Dentro do quadro de referências fornecido pela Ecologia Histórica (BALÉE & ERICKSON, 2006; ARROYO-KALIN, 2017) trata-se de abordagens com foco na ecologia dos assentamentos. Tal abordagem propõe que o processo de interação de longa-duração entre as pessoas e seu entorno seja analisado através da compreensão das escolhas feitas por elas quanto ao local em que desejam habitar, e que as mudanças na paisagem produzidas pelas populações pretéritas serão levadas em conta no momento da reocupação desses lugares (KELLETT & JONES, 2017). Ao observar a arqueologia do alto rio Madeira, é possível notar uma predileção pela reocupação dos sítios exatamente no entorno das áreas de cachoeiras (ALMEIDA, 2013), tanto na drenagem primária (rio Madeira) quanto secundária (rio Jamari). O adensamento das datações no entorno das cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio (ZUSE, 2014) em torno de 1.000 anos AP e o surgimento de sítios em áreas distintas a partir desse período parecem indicar que as populações das cachoeiras passaram a buscar outros lugares para ocupar. Desde então lugares com localização diferenciada, como o sítio Itapirema, localizado no encontro de dois rios (Madeira e Jamari) e um lago (do Cuniã), também figurarão entre os lugares escolhidos para a ocupação de diferentes populações a partir do período colonial. Tanto o sítio Teotônio quanto o sítio Itapirema possuem relatos de ocupações durante esse período (HUGO, 1959) e, em ambos os lugares, apesar dos impactos causados pela hidrelétrica de Santo Antônio, presentemente possuem vilas.

#### INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS E MÉTODOS DE ANÁLISE

A despeito das severas alterações nas últimas décadas no local, pesquisas realizadas desde 2011 pelo PALMA no sítio Teotônio evidenciaram contextos bem preservados. Para identificar tais locais, foram empregados métodos de campo ancorados em anos de pesquisa arqueológica na Amazônia (MORAES, 2007; LIMA, 2008; NEVES, 2012; TAMANAHA, 2012). Os procedimentos consistem na abertura de linhas ortogonais a partir de um plano cartesiano ao qual se vinculam, a partir de um ponto fixo, os eixos Norte (N) e Leste (E), que servem de referência para a denominação de qualquer intervenção no sítio.

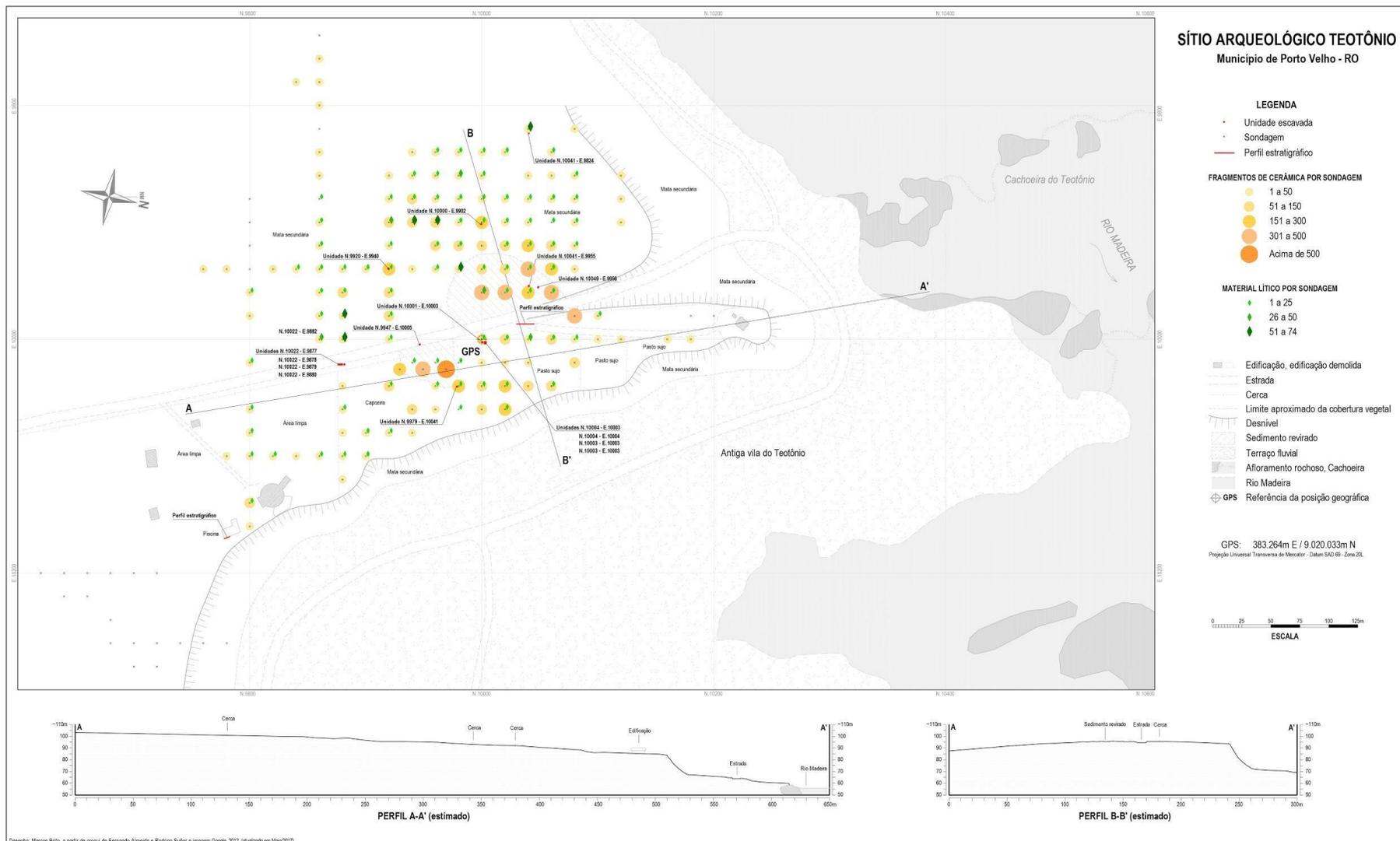
No sítio Teotônio executou-se uma malha com 161 tradagens de 20x20 m de espaçamento que buscou mapear vertical e horizontalmente a dispersão dos vestígios (Figura 2). Essas intervenções foram realizadas com cavadeiras manuais (boca-de-lobo) e atingiram profundidades de até 100 cm (variando conforme o embasamento rochoso), o máximo conseguido com a ferramenta. Através delas, áreas de interesse potencial do sítio foram identificadas. A análise dos artefatos provenientes dessas intervenções foi fundamental no momento de identificar padrões espaciais de distribuição dos conjuntos e possíveis alterações intra-sítio.

A partir das áreas de interesse, definiu-se a escavação, em níveis artificiais de 10 cm, de 21 unidades, com o tamanho mínimo de 1 m<sup>2</sup> e profundidade variando conforme o tamanho dos pacotes arqueológicos<sup>2</sup>. Após o término das escavações, foram identificadas as camadas arqueológicas quando se desenharam e fotografaram os perfis das unidades. Todo sedimento foi peneirado de acordo com seus níveis artificiais, e o material deles provenientes coletados com um Número de Proveniência (PN), o que permite realizar o cruzamento de dados e manter a localização das informações dos objetos.

---

<sup>2</sup> A colocação das unidades em áreas com concentração de material cerâmico e com longa estratigrafia (entre três e quatro metros), juntamente ao resultado das tradagens, permitem uma boa amostragem da dispersão dos conjuntos pelo sítio, ainda que não se tenha escavado áreas muito amplas.

**Figura 2 -** Intervenções arqueológicas no sítio Teotônio (Mongeló, 2017).



Em laboratório o material é lavado, quantificado e analisado. A quantificação do material (contado e pesado) pode fornecer uma informação inicial sobre a variabilidade espacial do sítio, dados que podem ser utilizados para a criação de mapas de densidade (e.g. ALMEIDA, 2017b). Seguindo a discussão anterior, tal exercício (i.e. que exclui a análise do material) só é possível em sítios em que se pode identificar *in loco* que só existe um conjunto tecnológico, uma tarefa um tanto inglória no mundo coberto por terra preta.

A análise dos fragmentos cerâmicos inclui etapas quantitativas e qualitativas (MACHADO, 2005-2006; MORAES, 2007; LIMA, 2008; TAMANAHA, 2012; NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013). Na quantitativa, aplica-se uma ficha em que se observam 27 atributos, associados, por exemplo, à escolha da matéria prima, como a argila e o antiplástico, técnicas de manufatura empregadas, queima, características da forma, tratamentos de superfície, alisamento, a decoração plástica e/ou pintada e as marcas de uso (RYE, 1981; RICE, 1987; MORAES, 2007; LIMA, 2008; TAMANAHA, 2012; NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013). As projeções dos desenhos de borda, de acordo com princípios básicos de confiabilidade (i.e. regularidade da borda, tamanho, inclinação) (SHEPARD, 1965; RICE, 1987), permitem a realização de desenhos técnicos importantes, pois, o contorno formal permite mensurar a variabilidade e capacidade das morfologias (RICE, 1987; RAYMOND, 2009).

A partir dessas análises quantitativas, sugerem-se conjuntos hipotéticos. É a análise qualitativa, por sua vez, que organiza tais padrões, que são descritos a fim de se identificar o que lhes dá unidade. Essas análises tecnológicas se dão pelo uso de cadeia operatória, definida como “*uma sequência de operações para a realização da transformação da matéria em artefato*” (PFAFENBERGER, 2001). Esse princípio deve ser aplicado à classificação de um conjunto cerâmico, formado a partir de um contexto arqueológico, que pode ser relacionado a um compartilhamento de ideias e regras sobre fazer e usar cerâmica (RAYMOND, 2009).

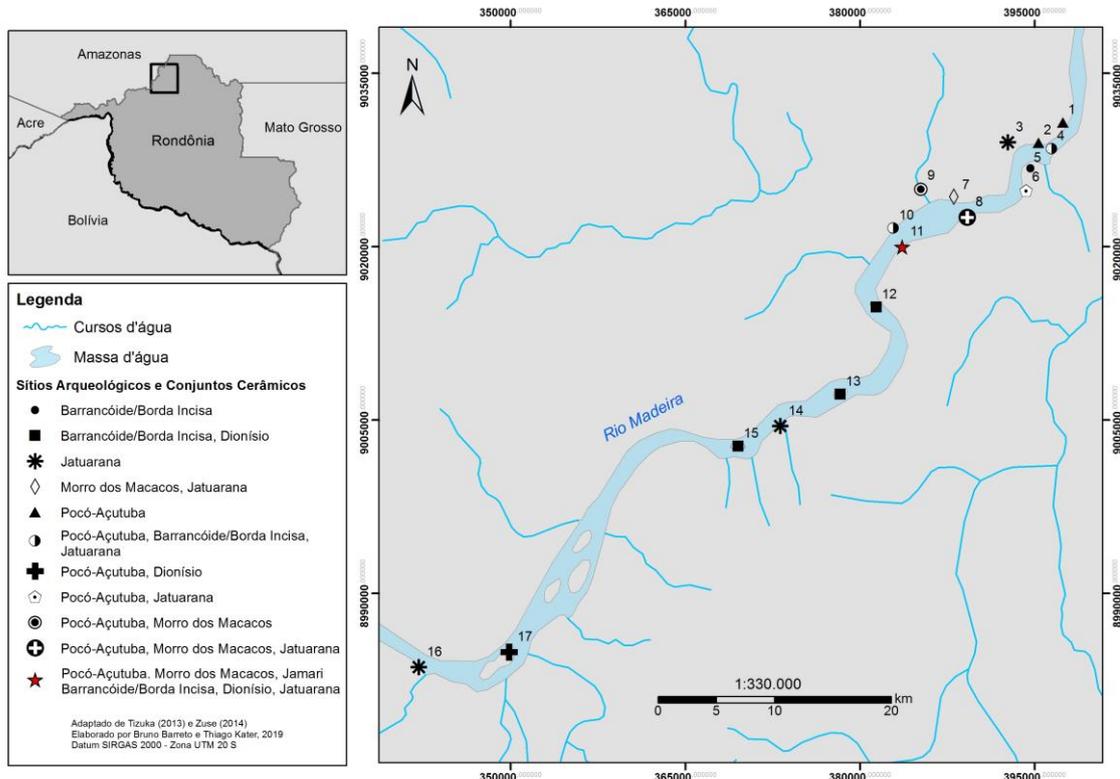
Assim, conceitos como o de “tradição tecnológica” são utilizados no sentido de definir um conjunto de técnicas de produção de objetos resultantes de cadeias operatórias similares (SILVA, 2013). Tal classificação estrutural cria uma malha descritiva para comparações intra e interconjuntos, mas, como há muito já se adverte, esse tipo de classificação é uma etapa do estabelecimento de contextos culturais do passado e não um fim em si mesmo (RAYMOND, 2009).

Esse método foi aplicado a 8.320 fragmentos cerâmicos provenientes de todas as unidades de escavação realizadas no sítio. Os dados obtidos com as análises quantitativas permitiram a classificação de seis diferentes conjuntos tecnológicos, todos com abrangência regional no alto rio Madeira, como indicam as pesquisas anteriores (MILLER, 1992; ALMEIDA, 2013; ZUSE, 2014, 2016; PESSOA, 2015; COSTA, 2016; VASSOLER, 2016). Quatro deles remetem a complexos com distribuição geográfica mais ampla: a Tradição Pocó-Açutuba, a Tradição Barrancóide/Borda Incisa, a Tradição Regional Jamari e a Subtradição Jatuarana da Tradição Policroma da Amazônia. Os demais, Dionísio e Morro dos Macacos, são conjuntos locais e foram definidos tecnologicamente por Costa (2016) e Zuse (2014, 2016)<sup>3</sup>. Como se nota no mapa abaixo (Figura 3), no sítio Teotônio se concentram todos esses conjuntos, que se encontram regionalmente dispersos.

---

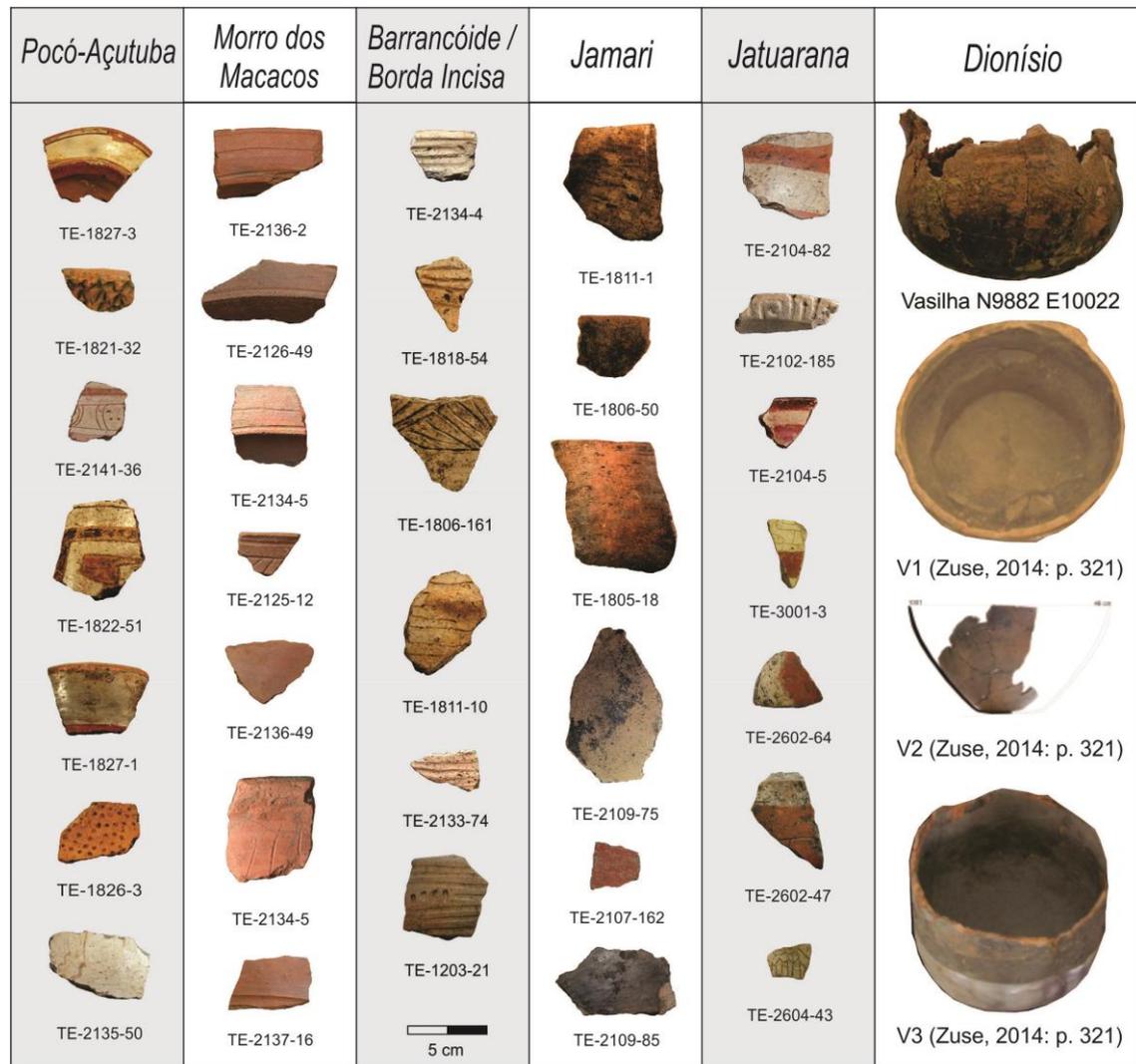
<sup>3</sup> Silvana Zuse, em sua tese de doutorado (2014), definiu tecnologicamente ambos os conjuntos, que foram posteriormente renomeados por essa autora e por Angislaine Costa. O conjunto anteriormente designado por ‘cerâmicas das ilhas a montante’ passou a ser Conjunto Dionísio (c.f. ZUSE & COSTA, com. pessoal), remetendo ao sítio Ilha Dionísio, onde esse conjunto cerâmico é bem preservado. Já a ‘cerâmica de 1.800 anos AP’ passa ser chamada de ‘Conjunto Morro dos Macacos’, em referência ao primeiro sítio em que foi encontrada (c.f. ZUSE & COSTA, com. pessoal).

**Figura 3** - Mapa de dispersão regional dos conjuntos tecnológicos cerâmicos pelo rio Madeira. Sítios arqueológicos: 1. Garbin, 2. Veneza, 3. São Domingos, 4. Ilha de Santo Antonio, 5. Brejo, 6. Boa Vista, 7. Morro dos Macacos I, 8. Vista Alegre, 9. Foz do Jatuarana, 10. Santa Paula, 11. Teotônio, 12. Ilha São Francisco, 13. Ilha das Cobras, 14. Coração, 15. Ilha Japó, 16. Bom Futuro e 17. Ilha Dionísio. Adaptação de Tizuka (2013) e Zuse (2014). Autoria: Bruno Barreto/Thiago Kater.



A descrição qualitativa desses seis conjuntos foi utilizada para a análise dos 8.462 fragmentos cerâmicos provenientes de todas as tradagens que delimitaram o sítio. Para o objetivo aqui proposto, esse exercício foi fundamental, pois permitiu identificar espacialmente a dispersão dos distintos conjuntos cerâmicos mesmo em um sítio multicomponencial como Teotônio (Figura 4). Através disso, mesmo alterações nas deposições primárias do material, puderam ser observadas, contribuindo na constatação das variações entre as diversas ocupações e os padrões de distribuição de material e de assentamento do sítio.

**Figura 4** - Prancha de fotos com exemplos do material dos conjuntos identificados no sítio.  
Autor: Thiago Kater.



#### O SÍTIO TEOTÔNIO E A IDENTIFICAÇÃO DAS OCUPAÇÕES CERAMISTAS

As sobreposições irregulares de camadas, os impactos modernos ou as alterações causadas (antrópicas e/ou bióticas) ao longo do tempo alteram ainda mais a compreensão da distribuição espacial em sítios multicomponenciais (Figura 5). Por isso, foi uma de nossas tarefas distinguir as razões e significados dos variados padrões de distribuição do material cerâmico no sítio Teotônio.

A Tradição Pocó-Açutuba é uma ocorrência panamazônica, caracterizada por cerâmicas ricamente decoradas, que corresponde aos primeiros indícios de antropização do ambiente ao longo da calha do rio Amazonas, com a formação de terras pretas após um hiato de presença humana (NEVES *et al.*, 2014). A exceção a esse postulado é justamente o alto rio Madeira, onde evidências de terra preta remontam há mais de seis mil anos (MONGELÓ, 2015). No sítio Teotônio, a cerâmica Pocó-Açutuba é caracterizada por um amplo arsenal decorativo de engobos e pinturas brancas e vermelhas em diversas tonalidades associadas às decorações plásticas, como incisões, acanalados, unglados, ponteados e serrungulados. Morfologicamente a maioria dos vasos reconstituídos é de formas abertas com pequenos volumes (média de 3 litros), além daqueles com boca irregular. É corriqueira a presença de flanges labiais e bordas

expandidas. Datada no sítio Teotônio em 3.250 anos AP, é uma das ocorrências mais antigas dessa Tradição em toda a Amazônia (c.f. KATER, 2018).

**Figura 5** - Perfil estratigráfico da unidade N10049E9956. Autor: Thiago Kater.

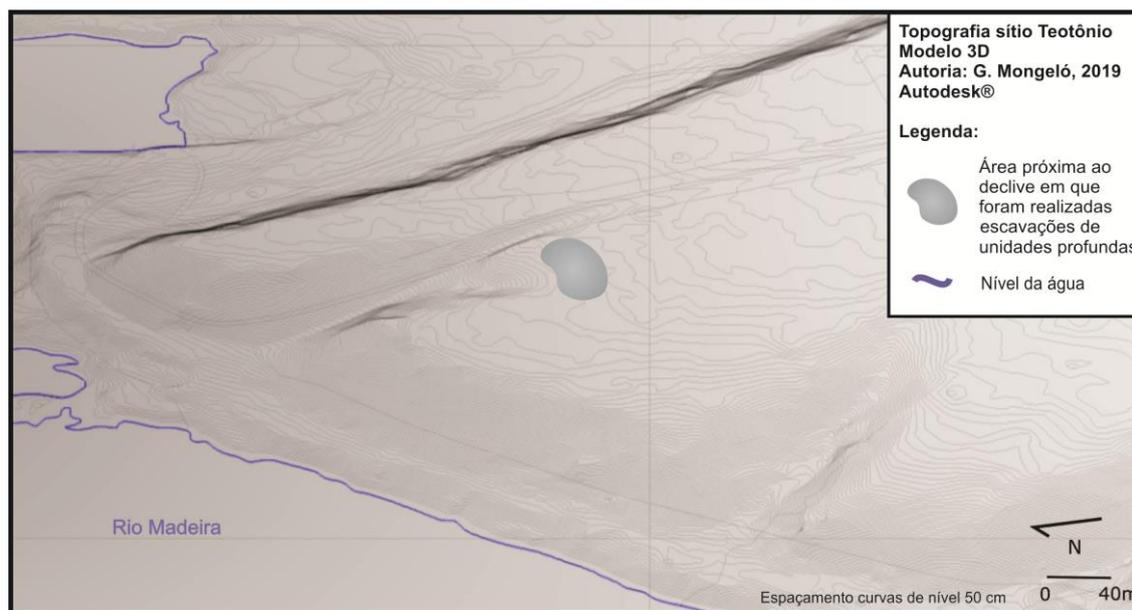


A conjunção dos resultados das unidades de escavação com os de tradagem sugerem que há uma pequena área de concentração da cerâmica associada a esse conjunto, sempre nos estratos mais profundos. A grande profundidade em que o material foi identificado (abaixo de 2 m) não permite desconsiderar a possibilidade de que as tradagens (realizadas até 1 m de profundidade) não alcançaram a camada em que esse material se encontrava, o que descaracterizaria a hipótese aqui apresentada. Entretanto grande parte das tradagens (~70%) foi realizada até o embasamento rochoso ou até o fim da camada de terra preta. Da mesma forma, em nenhuma das outras intervenções (unidades) escavadas em outras partes do sítio, e que ultrapassaram os dois metros de profundidade, foi identificado esse conjunto.

O local do sítio em que a camada Pocó-Açutuba foi identificada se encontra em sua extremidade norte, em área de declive do terreno em direção à cachoeira. Duas unidades de 1 m<sup>2</sup>, N10041E9955 e N10049E9956, foram escavadas e chegaram respectivamente a

três e quatro metros de profundidade, enquanto que em outras partes do sítio as unidades não ultrapassam dois metros de profundidade, embora com uma composição estratigráfica distinta, com a presença de ocupações pré-cerâmicas. A figura 6 apresenta um modelo 3D do terreno no sítio antes da construção da barragem, cujo intuito é auxiliar na compreensão do mapa de dispersão dos conjuntos que será inserido ao fim desse item. Sua importância decorre por situar o predomínio de cada conjunto de acordo com sua localização topográfica. A área estimada marcada pela mancha é o local em que se realizaram as escavações das unidades profundas.

**Figura 6** - Modelo topográfico 3D do terreno do sítio Teotônio com a área estimada onde se localizam as unidades de escavação mais profundas do sítio. Autor: G. Mongeló.



Esse tipo de configuração nos levou a interpretar que essa concentração de um conjunto cerâmico seria resultado de intervenções das populações indígenas que vieram a reocupar o sítio após a ocupação Pocó-Açutuba. O indício que mais favorece essa hipótese, no entanto, advém de comparações cronológicas com outros sítios. Junto aos indícios mais recentes da Tradição Pocó-Açutuba no alto rio Madeira (COSTA, 2016), o conjunto Morro dos Macacos (ZUSE & COSTA, *com. pessoal*) é encontrado, além do sítio Teotônio (KATER, 2018), em apenas três sítios na região, bem próximos à cachoeira (ZUSE, 2014, 2016). Em todos os três ele se encontra em uma fina camada de não mais de vinte centímetros de espessura, na base da estratigrafia do sítio ou sobre as cerâmicas Pocó-Açutuba (ZUSE, 2014, 2016). Em todos os contextos, esse conjunto é datado por volta de 1.800 anos AP, período que coincide com as datas mais recentes para o material Pocó-Açutuba no alto rio Madeira (COSTA, 2016).

No entanto, no sítio Teotônio, o material associado ao conjunto Morro dos Macacos aparece misturado ao material Pocó-Açutuba entre 180 e 310 cm de profundidade (Tabela 1). O fragmento Pocó-Açutuba datado em 3.250 anos AP (BETA-482332) foi coletado entre 330-350 cm nessa mesma unidade, nível em que não há material do conjunto Morro dos Macacos identificado. Integram ainda essa camada sedimento antrópico (*i. e.* terra preta) e blocos de diversos tamanhos de laterita, que chegam a até 30 cm de comprimento.

**Tabela 1** - Quantificação da quantidade de fragmentos cerâmicos classificáveis através de análise qualitativa na unidade em que há mistura de conjuntos de distintos períodos cronológicos.

UNIDADE N10049E9956			
Nível	Quantidade de fragmentos classificáveis		
	Pocó-Açutuba	Barrancóide / Borda Incisa	Morro dos Macacos
180-190 cm	4	7	5
190-200 cm	15	8	7
200-210 cm	6	2	2
210-220 cm	5	3	2
220-230 cm	6	5	2
230-240 cm	11	16	8
240-250 cm	6	6	6
250-260 cm	20	8	17
260-270 cm	13	11	12
270-280 cm	13	4	6
280-290 cm	11	1	2
290-310 cm	9	2	3
310-330 cm	9	6	0
330-350 cm	24	9	0
350-375 cm	3	0	0

A laterita é uma concreção rochosa proveniente de uma alteração de solos ricos em hidróxido de ferro, sendo esse processo típico de locais com clima quente e úmido – e uma estação mais seca (TIZUKA, 2013). Portanto, em meio à terra preta e material cerâmico, essas lateritas não teriam condições físico-químicas para se formar, o que nos faz inferir que tenha havido algum tipo de redeposição e mistura de elementos construtivos (i.e. laterita) e cerâmicas não contemporâneas. Não está muito claro entretanto se esse contexto se trata de uma plataforma para retificar a inclinação do terreno, uma área de descarte e lixeira ou ainda o resultado de algum momento de reocupação do sítio, em que fragmentos cerâmicos de ocupações anteriores, então em superfície, poderiam ter sido enterrados por carregarem consigo aspectos agentivos e potências que necessitariam ser controladas (BARCELOS NETO, 2012). Provavelmente trata-se de uma combinação desses eventos e processos.

Diante disso, é bastante plausível que a configuração espacial desses conjuntos não reflita as maneiras pelas quais os grupos indígenas relacionados à produção dessas cerâmicas tenham se organizado. Parece seguro que, dentre os três conjuntos cerâmicos que compõem essa área ‘entulhada’, aquele associado às cerâmicas Pocó-Açutuba parece corresponder à ocupação mais permanente do local durante o terceiro milênio AP. A despeito da importância do conjunto Morro dos Macacos para a compreensão do contexto, a baixa densidade de material, juntamente ao recorte temporal bastante localizado, sugere esse cenário. Além disso, os indícios regionais mostram uma longa permanência da Tradição Pocó-Açutuba na área das cachoeiras a jusante do alto rio Madeira, que se estendeu por aproximadamente 1.400 anos (COSTA, 2016; KATER, 2018).

Quando Neves e colegas (2014) definiram essa Tradição, incorporaram elementos da Ecologia Histórica para caracterizá-la. Além do processo de antropização do ambiente, com a formação das terras pretas, outro traço definidor dessas ocupações é a preferência por se estabelecerem em lugares significativos da paisagem, como lagos, encontros de rios e cachoeiras. A semelhança entre tais preferências e aquelas ligadas aos povos falantes de línguas da família Arawak (HECKENBERGER, 2001) fez com que os autores propusessem uma relação entre a expansão de povos dessa matriz linguística,

estabelecida através de redes e criação de complexos multiétnicos no entorno de lugares partilhados, com a dispersão da cerâmica Pocó-Açutuba.

O sítio Teotônio se configuraria, desse modo, não somente como área de habitação, mas como um desses locais de uso compartilhado, locais sagrados e cerimoniais comuns (DEBOER, 1997; DIETLER & HAYDEN, 2001), aos quais esses lugares significativos remetem (ZEDENO & BOWSER, 2009). Devido ao caráter mítico-histórico, cosmológico e agentivo associado a essas cachoeiras (ALMEIDA & KATER, 2017), bem como a alta piscosidade identificada (GOULDING, 2013), o sítio Teotônio seria um desses lugares cuja ocupação reiteraria e manteria os vínculos de redes e grupos (HILL, 2015; ALMEIDA & KATER, 2017).

As morfologias das bordas reconstituídas sugerem um alto investimento (~75%) em vasilhames abertos ou com a boca direta (e.g. em forma de cuia), de pequenas capacidades volumétricas (muitos de 1 litro e todos menores que 5 litros) (KATER, 2018), ideais para o consumo individual ou coletivo de alimentos líquidos e/ou sólidos (SHEPARD, 1965; RYE, 1981; RICE, 1987). Essa predileção por vasos de consumo em detrimento de preparo e armazenagem, que parece não ocorrer nos demais sítios do entorno (COSTA, 2016; ZUSE, 2016), estaria relacionada à forma pela qual se dá a ocupação Pocó-Açutuba no sítio Teotônio como local significativo e epicentro de encontros em âmbito regional.

As estratégias e dinâmicas de ocupação parecem se alterar a partir da presença discreta de cerâmicas da Tradição Barrancóide/Borda Incisa no sítio Teotônio e de forma mais explícita nesse trecho das cachoeiras. Essas cerâmicas, datadas ao redor de 1.550 anos AP (ALMEIDA, 2013; KATER, 2018; Tabela 2), têm uma aparente relação de continuidade com a Tradição Pocó-Açutuba, com a manutenção de diversas características tecnológicas, como a escolha do antiplástico (caraipé, sobretudo); o uso e certos motivos das incisões, por vezes associadas ao ponteadado; superfícies bem alisadas e presença de apliques, por exemplo. Por outro lado, o aumento considerável da densidade cerâmica e na capacidade volumétrica dos vasilhames bem como na maior intensidade na formação de terras pretas e na diversificação dos espaços ocupados indicam a ocorrência de transformações demográficas, econômicas e sociais tanto no sítio Teotônio como no alto rio Madeira (ZUSE, 2014, 2016; KATER, 2018). Esse processo parece mais claro nos sítios do entorno do Teotônio do que nele próprio, já que não foi possível identificar durante as escavações das unidades nenhuma camada composta unicamente por cerâmicas da Tradição Barrancóide/Borda Incisa.

**Tabela 2** - Relação dos conjuntos com sua cronologia e provável agrupamento linguístico relacionado.

Tradição/Conjunto	Início da presença	Agrupamento linguístico
Jatuarana	1250 anos AP	Tronco Tupi e outros
Dionísio	Após 1000 anos AP	?
Jamari	1300 anos AP (?)	Tronco Tupi (Família Tupi-Arikém)
Barrancóide	1550 anos AP	Família Arawak
Morro dos Macacos	1800 anos AP	?
Pocó-Açutuba	3250 anos AP	Família Arawak e outros

A provável mistura desse material junto à cerâmica Pocó-Açutuba e do conjunto Morro dos Macacos contribui para esse cenário pouco conclusivo a respeito desse conjunto. Ainda assim, a tecnologia cerâmica e morfologias Barrancóide/Borda Incisa parecem reiterar o quadro observado para o alto rio Madeira (ZUSE, 2014, 2016) no sítio Teotônio. Haveria continuidades na tecnologia cerâmica, como a escolha do caraipé e mineral como antiplástico; alisamento e tratamento das superfícies e a presença de decorações plásticas, apesar de serem realizadas com a pasta mais úmida e com 'menos

acurácia' que no conjunto Pocó-Açutuba. Por outro lado, a ausência de flanges labiais e decorações pintadas bem como o abandono do carvão como antiplástico são mudanças bastante marcantes.

A incerta e cambiante espacialidade das ocupações Barrancóide/Borda Incisa pode decorrer, no entanto, de momentos históricos distintos nos quais os grupos produtores dessa cerâmica se utilizaram das margens da cachoeira. Um primeiro momento estaria relacionado às mudanças conjunturais pelas quais passaram os grupos indígenas produtores da cerâmica Pocó-Açutuba, que em médio-prazo acarretaram mudanças em sua tecnologia, percebida através da cerâmica Barrancóide/Borda Incisa (e.g. dimensão dos vasilhames, alteração na forma de realizar as incisões, abandono da pintura). Esse processo é bem visualizado em alguns sítios do alto rio Madeira, como no sítio Santa Paula, localizado na margem oposta ao sítio Teotônio (ZUSE, 2014, 2016). Neste esse processo seria de mais difícil visualização por conta da mistura de material cerâmico de momentos distintos.

Outro período, já posterior, em que se nota a presença de cerâmica da Tradição Barrancóide/Borda Incisa no sítio Teotônio, estaria relacionado muito mais como resultado de uma rede de trocas do que uma ocupação propriamente dita. Nesses contextos o que se identifica são fragmentos isolados desse conjunto junto ao material da Tradição Jamari. A presença da Tradição Jamari, originária do rio homônimo, afluente da margem direita do rio Madeira, onde possui uma longa cronologia (MILLER, 1992; ALMEIDA, 2017b), aparece unicamente no sítio Teotônio dentre todos os sítios do alto curso desse rio (ZUSE, 2014; KATER, 2018). Sem datações seguras para esse contexto (provavelmente 1.300 anos AP), a cerâmica dessa tradição aparece associada a um espesso pacote de terra preta bastante escura. Outra característica desse contexto é a evidência de queimas pós-deposicionais, como sugerem as marcas de fuligem nas quebras de alguns fragmentos cerâmicos. Essas queimas podem ter significados variados, associando desde a queima do lixo aos aspectos ontológicos que esse evento pode ter (BARCELOS NETO, 2012).

A Tradição Jamari é caracterizada por cerâmicas espessas, com superfícies bem alisadas, alta incidência de fuligem nas faces externas, consequência de seu uso no preparo de alimentos, e vasos com variadas morfologias e capacidades volumétricas que atingem até cerca de oitenta litros (KATER, 2018). Tais características nos fazem inferir que populações ligadas à Tradição Jamari, muito provavelmente de Tronco Tupi, possivelmente a família Tupi-Arikém (c.f. ALMEIDA, 2017b, MILLER, 2009), habitaram de forma densa, bastante sedentária e intensa a margem direita da cachoeira. A distribuição do material, mais uma vez, não permite inferir sobre o uso do espaço no assentamento, mas leva a crer que havia uma preferência no descarte do material cerâmico quebrado em áreas próximas ao declive, mas sem chegar a ser um comportamento padronizado que gerasse montículos, por exemplo.

A presença pontual de material Barrancóide/Borda Incisa nessa camada Jamari no sítio Teotônio sugere a ocorrência de trocas realizadas em âmbito local, em um provável sistema multicultural. Na margem oposta, no sítio Santa Paula, o uso do espaço no assentamento possuiu uma configuração bastante diversa do sítio Teotônio. Lá, verifica-se a presença de montículos dispostos em formato semi-circular, ao redor de uma área central, nos quais se identifica, sobretudo, material com características da Tradição Barrancóide/Borda Incisa, enquanto nos níveis inferiores se observa a presença de cerâmica Pocó-Açutuba (ZUSE, 2014, 2016). Essas coincidentes distinções no padrão de implantação de sítios e de conjuntos cerâmicos mostram que uma inter-relação entre esferas variadas de análise pode contribuir bastante para a compreensão da ecologia dos assentamentos da Amazônia.

A cerâmica do Conjunto Dionísio apresenta a menor amostra do sítio, porém nem por isso é a menos surpreendente. Ela é composta por quatro vasos inteiros e semi-inteiros enterrados em uma camada de ocupações pré-cerâmicas localizada em uma área muito específica do sítio Teotônio – a estrada de chão batido que leva ao rio e que teve camadas inteiras de ocupações arqueológicas removidas. Três dessas vasilhas foram escavadas no âmbito do licenciamento e estudadas por Zuse (2014). Suas características tecnológicas distintas incluem o emplacamento como técnica de manufatura, o uso do caixi como antiplástico e a queima em temperatura baixa. Os sítios insulares a montante da cachoeira do Teotônio são onde predominantemente se encontram os contextos arqueológicos com essa cerâmica, que foram datados entre 1.000 e 780 anos AP (COSTA, 2016; ZUSE, 2016).

Em um desses sítios insulares, ilha Dionísio, a deposição de vasos inteiros propiciou a verificação de áreas de atividade demarcadas. O uso do espaço no sítio compôs uma morfologia semicircular, na qual a área central estava relacionada ao setor de habitação, enquanto nos lados opostos, periféricos, que seriam os limites da ilha, encontra-se o setor funerário, no qual é recorrente a deposição de vasos inteiros (COSTA, 2016). Mesmo que ainda seja inviável cogitar se no sítio Teotônio a deposição desses vasos tenha tido função funerária, é bastante seguro levantar a hipótese de que os grupos indígenas produtores dessa cerâmica integravam essa rede multicultural e/ou de trocas do alto rio Madeira. A existência desses quatro vasos enterrados tende a reforçar o papel nuclear do sítio Teotônio no cenário regional.

Após esse período de diversidade em que conjuntos cerâmicos conviveram temporal e espacialmente, o que se percebe é uma alteração nos padrões da ocupação humana nas cachoeiras a jusante do alto rio Madeira. Após 950 anos AP, os demais conjuntos deixam de ser identificados<sup>4</sup> (COSTA, 2016; ZUSE, 2016) e passa a predominar a Subtradição Jatuarana, representante da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) no alto rio Madeira, ainda que haja indícios de sua presença no sítio Teotônio antes desse momento (c.f. KATER, 2018). Essa cerâmica é caracterizada pelo uso de engobo branco ou vermelho, associado ou não à pintura preta, vermelha ou branca. A presença de incisos e acanalados também é marca diagnóstica desse conjunto. As bordas reconstituídas compõem uma alta variabilidade na parafernália artefactual, com mais de dez morfologias distintas e com diversas capacidades volumétricas que atingem até cem litros.

No sítio Teotônio, pode-se afirmar que, dentre todos os conjuntos, o Jatuarana é aquele que possui a maior distribuição espacial. Praticamente até os primeiros 30 cm de todas as unidades foi possível identificar cerâmicas associadas à Subtradição Jatuarana, além de serem encontradas em boa parte da superfície do sítio (com exceção das unidades da estrada e na área de mineração ilegal de terra preta)<sup>5</sup>. Essa foi a última ocupação indígena anterior à colonização, mas, mesmo com os impactos modernos, é a que se percebe a menor perturbação pós-deposicional, pois é a única que se pode encontrar em uma camada mais ou menos bem definida.

No alto rio Madeira, os sítios com material associado à Subtradição Jatuarana concentram-se sobretudo na área entre a cachoeira de Santo Antonio e Teotônio, sendo que os sítios a montante dessa possuem poucos indícios de terem sido utilizados de maneira permanente, estando mais relacionados às práticas funerárias, visto a deposição

---

<sup>4</sup> A exceção é o Conjunto Dionísio, identificado no sítio insular homônimo, no qual há uma data por volta de 800 anos AP (COSTA, 2016).

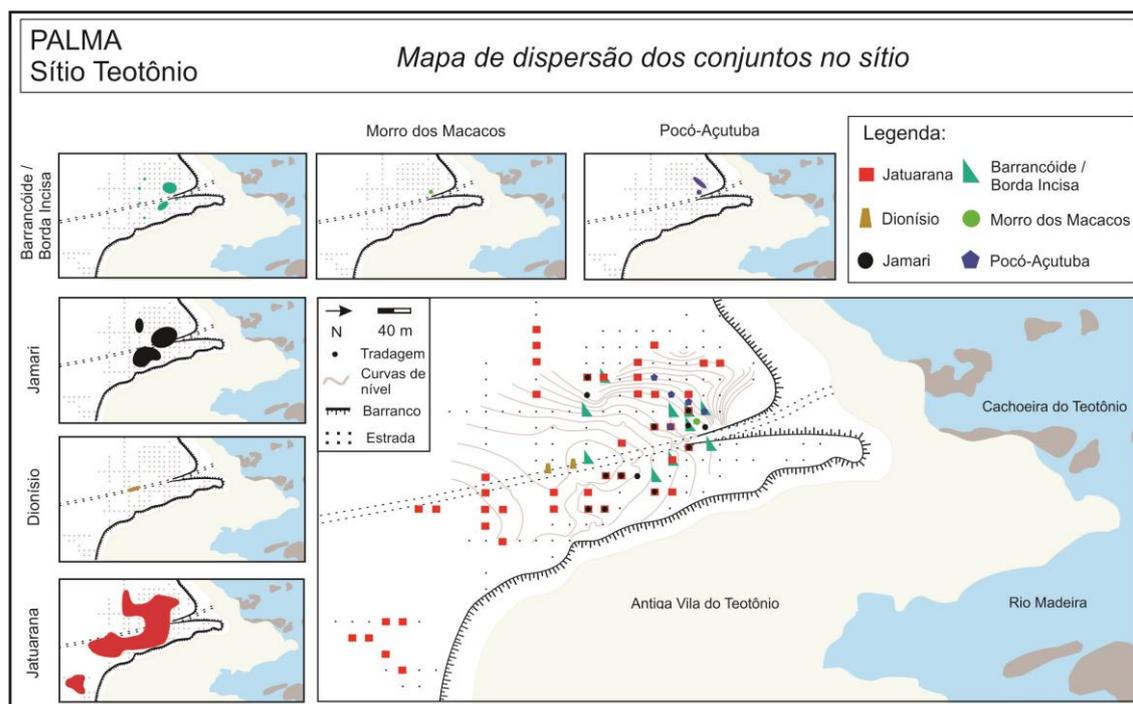
<sup>5</sup> Foi constatado tanto pelas conversas com moradores quanto durante etapas de campo que locais do sítio tinham sido alvo de mineração ilegal de terra preta, vendida em Porto Velho e região como adubo/fertilizante para plantas. Pelo fato da ocupação da Subtradição Jatuarana ser a mais superficial do sítio, ela também é a mais impactada por essa atividade. Assim, nesses locais de retirada de terra preta, percebe-se uma ausência desse conjunto.

de vasilhas inteiras com tampas ou aos rituais (ZUSE, 2016; VASSOLER, 2016). Por outro lado, há sítios em que esse material é encontrado somente nos níveis superficiais e por toda a área do local, enquanto que em outros é identificado em alguns montículos ao redor de uma área central plana, com pouca presença de material cerâmico (PESSOA, 2015).

Além da própria variabilidade artefactual da cerâmica observada na Subtradição Jatuarana (ALMEIDA, 2013; PESSOA, 2015), infere-se uma mudança em relação às ocupações anteriores, seguindo um padrão já observado no baixo rio Madeira e na Amazônia Central (*e. g.* MORAES, 2013). O que se observa é uma pluralidade no uso do espaço e nas funções dos assentamentos, aumentando e criando novas e distintas formas de se ocupar a paisagem e os sítios no alto rio Madeira.

O mapa esquemático abaixo (Figura 7) sistematiza a dispersão espacial de cada um desses conjuntos tecnológicos cerâmicos identificados no sítio Teotônio. A partir dele é possível ter uma noção geral dessas diferentes estratégias pelas quais as populações indígenas ocuparam e/ou manejaram o espaço e a paisagem na margem direita da cachoeira do Teotônio. Um lugar impregnado de história e acúmulos materiais das ações passadas, vemos a materialidade existente no sítio Teotônio se reatualizar e se fazer presente em cada momento de sua trajetória.

**Figura 7** - Mapa com dispersão de todos os conjuntos cerâmicos identificados no sítio. Autor: Thiago Kater.



## DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua poética introdução ao universo da cerâmica, Prudence Rice (1987) descreve esse material como sendo a combinação dos quatro elementos considerados básicos pelos gregos: água, fogo, terra e ar. O fogo, com auxílio do ar, eterniza a argila, modelada com ajuda da água. Tais elementos também se encontraram em diversos momentos durante o período pré-colonial, sob o peso do ar úmido amazônico. Estruturas de terra, forradas de cacos (como se fossem os antiplásticos dessas estruturas) foram constantemente utilizados por grupos indígenas para lidar com a água. Por exemplo, os grandes tesos de Marajó, que permitiam a elevação das habitações para longe das planícies alagáveis, ao

mesmo tempo em que permitiam (nas áreas escavadas para obtenção de sedimento para construir os tesos) o surgimento de lagos nos quais era possível manejar os peixes na época da seca (SCHAAN, 2013). Nesses tesos, grandes fogueiras eram acesas para os rituais de enterramento das urnas funerárias da fase Marajoara.

O fogo junta as pessoas. Ele é também um dos principais marcadores antrópicos na floresta tropical ao redor do mundo, e na Amazônia não é diferente (ROBERTS *et al.*, 2017). O fogo não só junta as pessoas, mas ajuda a moldar a relação entre as pessoas e animais, transformando o cru em cozido, assim como entre humanos e plantas, como nas queimas das roças (ARROYO-KALIN, 2012), uma prática carregada de simbolismos (CAROMANO *et al.*, 2016). Por centenas ou milhares de anos, fogos de roça devem ter sido feitos no entorno do sítio Teotônio, onde se encontram imensas manchas de terra enegrecida (solos enegrecidos/amarronzados que não chegam a ter os altos índices de nutrientes da terra preta, mas que são mais ricos que o entorno do sítio arqueológico sem material arqueológico) (MONGELÓ *et al.*, *manuscrito não publicado*). É possível supor que muitos vasos, trazendo consigo seus donos, viajaram dezenas de quilômetros pelas águas do Madeira, para se encontrarem em volta das grandes fogueiras. Lá encontravam outros vasos que habitavam o local há muito tempo e lá muitas vezes ficavam, despedaçados, depois das grandes festas. Muitos cacos, como os da Tradição Jamari, foram encontrados justamente nessa área de encontro das cerâmicas, com marcas de fuligem em suas quebras, demonstrando justamente que foram ao fogo depois de fragmentados. Outros, como do Conjunto Dionísio, foram completamente enterrados em áreas anteriormente preferidas pelas populações pré-ceramistas.

Em um mundo verde de planícies infinitas, cortadas por águas barulhentas, é curioso pensar que o ser humano tenha optado por determinados locais para habitar correntemente, deixando outros locais apenas para esporádicas atividades de forrageiro. Também chama a atenção o fato de que determinados grupos, como os produtores de cerâmica da Tradição Pocó-Açutuba aqui descritos, provavelmente viajaram de muito longe, tenham navegado centenas ou mesmo milhares de quilômetros em suas canoas para ocupar tais lugares. Ao que tudo indica, por muito tempo lá permaneceram, em uma intensa rede de contatos, trocas e rituais, transformando o sítio Teotônio em um lugar carregado de significado e história. E o que para nós, arqueólogas e arqueólogos, são fragmentos de cerâmica, poderia possuir tamanho significado para os povos que lá viveram, que talvez a melhor coisa a ser fazer com tão poderoso testemunho 'de outras gentes e/ou outros tempos' fosse enterrá-los – amainando a potência desses testemunhos.

Neste artigo, utilizando as análises do material cerâmico do sítio Teotônio, foi possível realizar uma mudança do foco em uma escala regional abordada em estudo anterior (ALMEIDA & KATER, 2017). A arqueologia realizada no Teotônio parece indicar uma predileção neste sítio pela ocupação e uso de determinados espaços frente a outros. Este não só é como certamente possuiu em seu interior lugares significativos. Desde a primeira até a última ocupação, com exceção do conjunto Dionísio, é possível identificar a sobreposição em um determinado local, ajudando a criar uma camada que chega a 4 metros de TPI.

Nota-se que essa sobreposição só ocorre a partir do início da presença de grupos ceramistas, uma vez que os materiais relativos a populações pré-ceramistas ocorrem em outra parte do sítio (MONGELÓ, 2015), geralmente sobrepostas somente pela última, e mais espacialmente extensa das indústrias cerâmicas do sítio, a Subtradição Jatuarana, ou interpolados pelos enterramentos dos vasos do conjunto Dionísio. Esse dado torna-se ainda mais relevante, pois indica que, apesar de haver continuidade, desde o Holoceno Médio, na forma de ocupação dos grupos pré-cerâmicos e ceramistas, houve uma

mudança clara com relação aos significados dados ao espaço por esses grupos. Seja qual for o tamanho e o tempo que os coletivos ceramistas viveram ou visitaram o sítio Teotônio, eles possuíam uma predileção por um determinado lugar do sítio. Ainda que essa preferência se reflita na área de se descartar e amontoar os seus resíduos.

Por fim, pode-se apontar que, dentre os aspectos abordados por essa discussão de espaço, do fluido papel exercido por protagonistas que caminham livremente entre mundos funcionais/econômicos e simbólicos: a cachoeira piscosa que recebe os rituais; o fogo que queima nas roças, nas oficinas cerâmicas e ilumina a noite e o grande evento; a plataforma de terra e de cacos que junta as pessoas e seus vasos, que os protege da água. Não da água que vem de baixo, como nas planícies alagáveis de Marajó, mas que vem do céu, furiosa por não ter sido convidada para a festança.

#### AGRADECIMENTOS

À FAPESP (Processos 2017/11817-9 e 2018/24509-3) e ao CNPq, pelo financiamento de parte dessa pesquisa. O auxílio de Bruno Barreto foi inestimável na confecção dos mapas, por isso o nosso muito obrigado! Este trabalho foi realizado como partes das atividades do Arqueotrop (MAE-USP) e contou com a participação, nas etapas de campo, de diversos discentes da UNIR, UFS e USP, aos quais agradecemos muito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F. O. 2013. *A Tradição Policroma no Alto Rio Madeira*. Tese de Doutorado. São Paulo: MAE/USP.
- ALMEIDA, F. O. 2017a. The Organics of Settlement Patterns. Kellett, Lucas C. & Jones, Eric (Eds.). *Settlement Ecology of the Ancient Americas*. New York: Routledge.
- ALMEIDA, F. O. 2017b. A arqueologia do rio Jamari e a possível relação com os grupos Tupi-Arikém–Alto Madeira (RO). *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 17, n. 30.
- ALMEIDA, F. O.; KATER, T. 2017. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 75.
- ARROYO-KALIN, M. 2012. Slash-burn-and-churn: Landscape history and crop cultivation in pre-Columbian Amazonia. *Quaternary International*, 249: 4-18.
- ARROYO-KALIN, M. 2017. Amazonian dark earths. In: Nicosia, C. *Archaeological Soil and Sediment Micromorphology*. John Wiley & Sons, Ltd, Chichester, 345-357.
- BALÉE, W.; ERICKSON, C. L. 2006. Time, Complexity and Historical Ecology. In: BALÉE, W. & ERICKSON, C. L. (Eds.). *Time and complexity in Historical Ecology. Studies in the neotropical lowlands*. New York: Columbia University Press, pp.1-20.
- BARCELOS NETO, Aristoteles. 2012. Objetos de poder, pessoas de prestígio: a temporalidade biográfica dos rituais xinguanos ea cosmopolítica wauja. *Mundo Amazônico*, v. 3, p. 71-94.
- CAROMANO, C. *et al.* 2016. A Roça Asurini e o Fogo Bonito de Ai. *Revista Habitus*, 14(1): 131-140.
- COSTA, A. F. 2016. A multifuncionalidade da cerâmica no sítio Ilha Dionísio, alto rio Madeira. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CREVELS, M.; VAN DER VOORT, H. 2008. The Guaporé-Mamoré as a Linguistic Area. In *From Linguistic Areas to Areal Linguistics*. Muysken, P. (ed.). Amsterdam/Philadelphia: *John Benjamins Public Company*, pp. 151-180.
- DEBOER, W. R. 1981. Buffer zones in the cultural ecology of aboriginal Amazonia: an ethnohistorical approach. *American Antiquity*, v. 46, n. 2, p. 364-377.
- DEBOER, W. R. 1997. Ceremonial centres from the Cayapas (Esmeraldas, Ecuador) to Chillicothe (Ohio, USA). *Cambridge Archaeological Journal*, v. 7, n. 2, p. 225-253.
- DEBOER, W. R.; LATHRAP, D. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. In: KRAMER, C. *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University Press, pp. 102-138.
- DIETLER, M.; HAYDEN, B. (Ed.). 2010. *Feasts: archaeological and ethnographic perspectives on food, politics, and power*. University of Alabama Press.
- GOULDING, M. 2013. *Man and fisheries on an Amazon frontier*. Springer Science & Business Media.
- HECKENBERGER, M. J. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura xingua no *longue durée*, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, B. & HECKENBERGER, M.B. (Eds.). *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- HEMMING, J. 2009. *Fronteira amazônica: a derrota dos índios brasileiros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- HILL, J. D. 2015. Etnicidade na Amazônia Antiga: reconstruindo identidades do passado por meio da arqueologia, da linguística e da etno-história. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 15, n. 1, 2, p. 34-69.

- HUGO, V. 1959 *Desbravadores: a história eclesiástica, no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia*. Edição da “Missão Salesiana de Humaitá”.
- JAIMES-BETANCOURT, C. 2012. *La Ceramica de La Loma Salvatierra*. La Paz: KAAL-Plural Editores.
- KATER, T. 2018. O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no alto rio Madeira. *Dissertação de Mestrado*. São Cristóvão, ProArq-UFS.
- KELLETT, L.C.; JONES, E. 2017. (Eds.). *Settlement Ecology of the Ancient Americas*. New York: Routledge.
- LIMA, H. 2008. História das Caretas: a tradição Borda Incisa na Amazônia Central. *Tese de Doutorado*. São Paulo: MAE-USP.
- MACHADO, J. S. 2005-2006. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16, pp. 87-111.
- MCMICHEL, C.H.; BUSH, M.B., SILMAN, M.R.; ZIMMERMAN, A.R.; RACZKA, M.F. & LOBATO, L.C. 2012. Sparse Pre-Columbian Human Habitation in Western Amazonia. *Science*, 336: 1429-1431.
- MEGGERS, B. J. 1987 *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia Edusp.
- MEGGERS, B. J. 1992a. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin. In: *Disease and Demography in the Americas*. Veruno, J. & Ubelaker, D. H. (eds.). Smithsonian Institution Press, Washington DC, p. 197-205.
- MEGGERS, B. J. 1992b. Judging the Future by the Past: the impact of environmental Instability on Prehistoric Amazonian Populations. In: *Indigenous Peoples and the Future of Amazonia: an ecological Anthropology of an Endangered World*. Sponcel, L. (ed.), University of Arizona Press, Tucson, p. 15-43.
- MEGGERS, B. J. & EVANS, C. 1957. *Archaeological Investigations in the Mouth of the Amazon*. Smithsonian Institution, Government Printing Press, Washington.
- MENÉNDEZ, M. A. de. 1981. *Chronica dos Povos Gentios que Habitavam e Habitam os Dilatados Sertões que Existem entre os Rios da Madeira e dos Tapajozes*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MILLER, E. T. 1992. *Adaptação agrícola Pré-Histórica no Alto Rio Madeira*. In *Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas*. Meggers, B.J. (Ed). Taraxacum-Washington.
- MILLER, E. T. 2009. A Cultura Cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 1, p. 35-136.
- MONGELÓ, G. 2015. O Formativo e os Modos de Produção: Ocupações Pré-ceramistas no Alto Rio Madeira-RO. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, MAE/USP.
- MONGELÓ, G. 2017. Outros pioneiros no sudoeste amazônico: Ocupações Holocênicas na bacia do alto rio Madeira. *Qualificação de Doutorado*. São Paulo: MAE/USP.
- MORAES, C. P. 2007. Levantamento arqueológico das áreas do entorno do Lago do Limão, município de Iranduba – AM. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo, MAE/USP.
- MORAES, C. P. 2010 Aldeias Circulares na Amazônia Central: um contraste entre a fase Paredão e a fase Guarita. In: *Arqueologia Amazônica 2*. Pereira, E.; Guapindaia, V. (eds.). Belém: MPEG, pp. 74-96.
- MORAES, C. P. 2013 *Amazônia Ano 1000: Territorialidade e Conflito no Tempo das Chefias Regionais*. *Tese de Doutorado*. São Paulo, MAE/USP.

- MORAES, C. P.; NEVES, E.G. 2012. Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. *Amazônica. Revista de Antropologia*, 4:122-148.
- MYERS, T. 1973. Toward the Reconstruction of Prehistoric Community Patterns in the Amazon Basin. In: *Variation in anthropology: essays in honor of John C. McGregor*. Lathrap, D.W.; Douglas, J. (Eds.). Urbana: Illinois Archaeological Survey, p. 91-105
- NEVES, E. G. 2012. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil anos de história na Amazônia Central (6500 ac – 1500 dc)*. Tese (Livre-Docência). São Paulo: MAE/USP.
- NEVES, E. G. 2016. Não existe Neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In: Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima; Carla Jaimes Betancourt (Orgs). 2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan, Ministério da Cultura, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- NEVES, E.G. *et al.* 2014. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: Rostain, S. *Amazonía Memorias de las Conferencias Magistrales Del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, Quito. Ikiam. Secretaria de Educacion Superior, Ciencia, Tecnología e Innovation, EIAA, v. 3, pp. 137-158.
- NEVES, E.G. *et al.* 2016. Relatório Final: Pesquisa e Formação nos Sítios Arqueológicos Espinhara e Sol de Campinas do Acre – PESC. Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Universidade de São Paulo.
- NIMUENDAJÚ, C. 1987. *Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú*. 1ª edição, 2ª impressão. Rio de Janeiro: IBGE.
- PESSOA, C. G. 2015. Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no Alto Rio Madeira. *Dissertação de Mestrado*. Belém: UFPA.
- PFÄFFENBERGER, B. 2001. Symbols do not create Meanings – Activities Do: Or, Why Symbolic Anthropology Needs the Anthropology of technology. M.B. Schiffer (Ed.). *Anthropological Perspectives on Technology*. Albuquerque, University of new Mexico Press, pp. 77-86.
- PRÜMERS, H. 2014. Sitios prehispánicos con zanjas en Bella Vista, Provincia Iténez, Bolivia. *Antes de Orellana. Actas Del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, pp. 73-91.
- RAYMOND, S. J. 2009. *Dos fragmentos às vasilhas: Um primeiro passo para a construção de contextos culturais na Arqueologia da Floresta Tropical*. *Amazônica-Revista de Antropologia*, 1 (2): pp. 512-535.
- RICE, P. M. 1987. *Pottery analysis. A sourcebook*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- ROBERTS, P. *et al.* 2017. The Deep Human Prehistory of Global Tropical Forests and its Relevance for Modern Conservation. *Nature Plants*, 3: 1-9.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. Academic Press: San Diego.
- ROQUETTE-PINTO, E. 1919. *Rondônia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- RYE, O. 1981. *Pottery technology. Principles and reconstruction*. Taraxacum: Washington.
- SCHAAN, D. 2013. *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: historical ecology of social complexity*. Left Coast Press: Walnut Creek.
- SCHMIDT, M. J. 2012. Landscapes of Movement in Amazonia: new data from ancient settlements in the Middle and Lower Amazon. *Papers of Applied Geography Conferences*, 35: 355-364.
- SHEPARD, A. O. 1965. *Ceramics for the archaeologist*. Washington: Carnegie Institute of Washington (2° Ed. 1980).
- SILVA, F. A. 2013. Tecnologias em transformação: inovação e (re)produção dos objetos entre os Asurini do Xingu. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 8, n. 3, p. 729-744, set.-dez.

- STAMPANONI, F. B. 2016. A maloca Saracá: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa. *Tese de Doutorado*. São Paulo, MAE/USP.
- TAMANAHA, E. K. 2012. Ocupação Polícroma no Baixo e Médio rio Solimões. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: MAE-USP.
- TIZUKA, M. M. 2013. *Geoarqueologia e paleohidrologia da planície aluvial holocênica do alto Rio Madeira entre Porto Velho e Abunã-RO*. Dissertação (Mestrado em Geologia). Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP.
- VASSOLER, O. J. P. 2016. Do lago de leite ao rio dos cedros: análise da iconografia cerâmica em vasilhas da Tradição Polícroma Amazônica no alto rio Madeira. *Dissertação de Mestrado*. Porto Velho: MHEC/UNIR.
- WATLING, J. 2016. *Human-environment interactions at the Teotônio site, Upper Madeira basin, Amazonia*. Scientific Report detailing post-doctoral research conducted between March 2015–September 2016/FAPESP. São Paulo: MAE/USP.
- WATLING, J. 2018. *Human-environment interactions at the Teotônio site, Upper Madeira basin, Amazonia*. Scientific Report detailing post-doctoral research/FAPESP. São Paulo: MAE/USP.
- WATLING, J.; SHOCK, M.; MONGELÓ, G.; ALMEIDA, F.; KATER, T.; OLIVEIRA, P. & NEVES, E. Direct archaeological evidence for Southwestern Amazonia as an early plant domestication and food production centre. *PLoS ONE* 13(7), 2018: e0199868. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199868>.
- ZEDEÑO, M. N.; BOWSER, B. J. 2009. The Archaeology of Meaningful Places. In: *The Archaeology of Meaningful Places*. Edited by B. J. Bowser and M. N. Zedeño, pp. 1-14. University of Utah Press, Salt Lake City.
- ZUSE, S. 2014. *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia*. Tese de Doutorado. São Paulo: MAE/USP.
- ZUSE, S. 2016. Variabilidade Cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira. In: In: Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima; Carla Jaimes Betancourt (Orgs). 2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: Iphan, Ministério da Cultura, Museu Paraense Emílio Goeldi.